http://dx.doi.org/10.22420/rde.v20i47.2815

Estado da arte – o futuro é ancestral:
experiências pedagógicas da Educação Indígena Pankararu

State of the art – the future is ancestral:
pedagogical experiences of Pankararu Indigenous Education

Estado del arte – el futuro es ancestral:
experiencias pedagógicas de la educación indígena Pankararu

DANIEL JOSÉ DOS SANTOS FILHO*
Fundação Joaquim Nabuco, Recife – PE, Brasil.

RESUMO: O presente estado da arte é parte da pesquisa etnográfica *Futurismo Ancestral: um estudo etnográfico dos processos formativos da Produtora Aió Conexões diante da Mostra Pankararu de Música*, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE e Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ, promovendo o diálogo etnográfico com os processos formativos promovidos pela produtora indígena Aió Conexões na organização da Mostra Pankararu de Música, que ocorre anualmente na Aldeia Bem Querer de Cima, do Território Indígena Pankararu, na cidade de Jatobá/PE.

Palavras-chave: Povo Indígena Pankararu, Processos Educativos e Identitários.

ABSTRACT: This state-of-the-art review is part of the ethnographic research *Ancestral Futurism: an ethnographic study of the formative processes of the Indigenous production company Aió Conexões in the context of the Pankararu Music Showcase*, submitted to the Graduate Program in Education, Culture, and Identities at the Federal Rural University of Pernambuco – UFRPE and the Joaquim Nabuco Foundation – FUNDAJ. The study engages in an ethnographic dialogue with the formative processes

* Professor da rede estadual de ensino de pernambuco. Mestre em Educação, cultura e identidades (UFRPE/FUNDAJ). Campo de pesquisa: Educação, cultura e identidade do Povo Pankararu a partir da Instituição Aió Conexões e Mostra Pankararu de Música (Transculturalismo, contracolonialismo e futurismo ancestral). Diretor do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco (SINTEPE). *E-mail*: <danielniedja@gmail.com>.

fostered by the Indigenous production company Aió Conexões in organizing the Pankararu Music Showcase, an annual event held in Aldeia Bem Querer de Cima, in the Pankararu Indigenous Territory, in the city of Jatobá, Pernambuco, Brazil.

Keywords: Pankararu Indigenous People. Educational and Identity Processes.

RESUMEN: El presente estado de la técnica es parte de la investigación etnográfica *Futurismo Ancestral: un estudio etnográfico de los procesos formativos de la productora Aió Conexões antes de la Exposición de Música de Pankararu*, presentada al Programa de Posgrado en Educación, Cultura e Identidades de la Universidad Federal Rural de Pernambuco – UFRPE y la Fundación Joaquim Nabuco – FUNDAJ, promoviendo el diálogo etnográfico con los procesos formativos promovidos por la productora indígena Aió Conexões en la organización de la Mostra Pankararu de Música, que se lleva a cabo anualmente en la Aldeia Bem Querer de Cima, del Territorio Indígena de Pankararu, en la ciudad de Jatobá, PE.

Palabras clave: Pueblos indígenas Pankararu. Procesos educativos e identitarios.

Introdução

Porque mesmo que queimem a escrita, Não queimarão a oralidade.
Mesmo que queimem os símbolos, Não queimarão os significados.
Mesmo queimando o nosso povo, Não queimarão a ancestralidade.

(NÊGO BISPO, 2015)

O levantamento deste estado da arte foi de suma importância para a elaboração de um referencial ancestral indígena capaz de abrir caminhos epistemológicos e compreender a educação indígena diferenciada como componente importante para a preservação da identidade e memória dos povos originários. Elencamos artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado que tratam da relação dessas categorias, publicados entre os anos de 2012 e 2022, encontrados nos repositórios da Capes e do Google Acadêmico, usando as palavras-chave *Povo Pankararu, Educação Indígena e Memória Coletiva*.

Analisamos a seguir as contribuições de tais produções para nosso aprimoramento teórico e metodológico, objetivando mapear e sistematizar analiticamente trabalhos

acadêmicos que abordam o Povo Pankararu em torno dos fenômenos da educação indígena e da memória, por meio da leitura, síntese das principais propostas, teorias e metodologias. Dos nove trabalhos escolhidos para a presente análise, oito tratam especificamente do Povo Pankararu.

Nada sobre nós sem nós

Enquanto uma árvore derrubada valer mais que uma árvore em pé. Enquanto preferirmos discutir o fim do mundo ao fim das estruturas sociais esclerosadas. Enquanto nossa relação com os povos indígenas for menos de preservá-las do que removê-los. Esse é o tempo, mais que urgente, de olhar as imagens e como elas surgem. (AFONSO JÚNIOR, 2021, p12). O primeiro trabalho analisado foi a dissertação de mestrado em Antropologia *A Escola como Espaço de Valorização e Afirmação da Identidade Étnica Pankararu*, de Warna Vieira Rodrigues, defendida na Universidade Federal de Pernambuco em 2012. O trabalho aponta o desafio dos povos indígenas ao buscarem estratégias de entendimento com o governo e reconstruírem modelos de resistência étnica. No estudo em tela, há avaliação de documentos emitidos por instituições governamentais sobre a educação escolar indígena, nos quais a escola tem intenção de promover a afirmação, o fortalecimento, a valorização e a manutenção das identidades étnicas, tendo como elementos estruturadores a cultura e a interculturalidade. A pesquisa avança demonstrando o modelo vivenciado na Escola Pankararu Ezequiel Jatobá, localizada na Aldeia Brejo dos Padres, território Pankararu, município de Tacaratu/PE. A conclusão da dissertação destaca que a instituição escolar indígena é originária de um processo colonizador, cuja função foi a de apagar as especificidades de povos originários para homogeneizar todas e todos como cidadãos e cidadãs brasileiros/as (RODRIGUES, 2012). No entanto, uma nova proposta de escolarização foi elaborada a partir das reivindicações do movimento indígena brasileiro, articulado com instituições e militantes em prol dessa causa. Atualmente a educação escolar indígena, entre outras características, tem a participação efetiva da comunidade e do povo do território no qual a escola está inserida, visando à construção de um projeto de escolarização que corresponda aos seus anseios.

O trabalho também faz a explanação de políticas educacionais indigenistas, até chegar à descrição do espaço da investigação, a Escola Pankararu Ezequiel, localizada em Tacaratu/PE. Foram analisados os instrumentos da unidade escolar, como currículo, projeto político pedagógico, calendário, material didático, entre outros elementos, para investigar o universo da educação diferenciada e específica pautada na valorização e no fortalecimento do Povo Pankararu (RODRIGUES, 2012). A dissertação denuncia a burocracia estatal que emperra a execução de projetos e ações da educação indígena intercultural em prol do fortalecimento da identidade étnica.

Na sequência, *Os Pankararu e a luta pela escola: conflitos na construção da educação escolar Pankararu*, dissertação de mestrado em Antropologia de Maurício Souza Júnior (Universidade Federal de Pernambuco, 2020) aborda a relação do Povo Pankararu com a escola num contexto de conflitos e disputas de instituições, instâncias e organizações econômicas, políticas e sociais (SOUZA JÚNIOR, 2020). O autor verificou um modelo de educação que visa à emancipação política e econômica a partir da disseminação dos valores, das histórias, tradições e visões de mundo do Povo Pankararu. Em contraste, a escolarização com saberes-fazeres indígenas encontra limites, pois esbarra numa série de burocracias impostas pela administração do Estado, assim como na própria cultura escolar, que engessa a forma de transmissão de conhecimento.

A pesquisa foi realizada no local, a partir da perspectiva das lutas, com participação ativa dos/das sujeitos/as na organização de atividades, como suporte logístico quando o movimento indígena fez um levante em frente à Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco – ALEPE em 2018, entre outras participações junto à comunidade enquanto o levantamento e as observações eram feitos (SOUZA JÚNIOR, 2020). A dissertação conclui que os/as Pankararu estão numa nova relação com a educação escolarizada, comparando o período de dificuldades de acesso e permanência, preconceitos e discriminação aos avanços que tiveram em suas aldeias com autonomia – ainda que limitada pela secretaria de educação, mas uma conquista inestimável para eles/elas.

Dando continuidade às produções elencadas em nosso estado da arte, nos deparamos com a dissertação de mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação *Educação Decolonial dos povos indígenas no Brasil: a importância de uma educação diferenciada, intercultural e multilíngue*, de Victor José de Lima da Silva Brandão, defendida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no ano de 2021. O trabalho analisa a importância da educação escolar indígena diferenciada, intercultural e multilíngue para a preservação dos direitos conquistados e para a decolonização dos povos indígenas do Brasil (BRANDÃO, 2021). O autor desenvolve uma revisão histórica, abordando as principais políticas que contribuíram para o entendimento da educação institucionalizada voltada aos povos indígenas no Brasil, discutindo também as particularidades culturais aplicadas nas unidades curriculares e as principais demandas das comunidades indígenas, as quais contribuíram para o surgimento do Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Indígenas – Prolind, com apresentação de dados que comprovam a importância do programa para a ampliação do acesso ao ensino superior pelos povos originários (BRANDÃO, 2021). A pesquisa se embasou nos conceitos da teoria decolonial e na contribuição do pedagogo Paulo Freire para uma educação libertadora, abordando a importância da educação escolar indígena como estipulada pela Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho – OIT, visando recuperar as memórias históricas para a reafirmação de identidades étnicas e o fortalecimento das lutas por direitos políticos, os quais contribuem para a decolonização epistemológica do conhecimento

(BRANDÃO, 2021). Conclui que a educação como prática política é importante para a superação das opressões colonialistas e para o entendimento da importância dos povos indígenas na construção do país, além da possibilidade da convivência, em um mesmo espaço, de diferentes formas culturais de conhecimento, que é o propósito do diálogo inter e transcultural.

As três primeiras dissertações apresentadas delineiam os conflitos e as resistências para alcançar o ideal de uma educação indígena para a *florestania*, a cultura, a memória e a tradição. A seguir, descrevemos as dissertações de mestrado que tratam da memória enquanto direito social para a manutenção e o respeito à ancestralidade da etnia Pankararu. Essas produções refletem sobre os desafios para a manutenção da tradição pela oralidade, em se tratando das transmissões identitárias entre gerações e seus deslocamentos, muitas vezes forçados, que representam ainda hoje fortes obstáculos a serem superados pela tradição Pankararu.

A dissertação *Lá, sendo o lugar deles, também é o meu lugar: pessoa, memória e mobilidade entre os Pankararu* (2017), de Arianne Rayis Lovo, foi defendida em Filosofia e Ciências Humanas, na Universidade Estadual de Campinas. Aborda as noções de pessoa, memória e mobilidade entre os Pankararu na favela do Real Parque, em São Paulo, apresentando a trajetória de uma família que vivenciou durante trinta anos a mudança entre aldeia e cidade, longe do Nordeste, buscando compreender os sentidos que a mobilidade adquire para o grupo (LOVO, 2017). Através de pesquisa de campo e entrevistas semiestruturadas, a mobilidade Pankararu passa a ser compreendida como um modo de produção de vida, ou seja, uma maneira específica de habitar o mundo, colocando em relação e interação diferentes agentes (Estado, indígenas, não indígenas) e agências (memória, cura, encantados, saberes-fazeres, sofrimento), produzindo novas territorialidades. Há nesse prisma aspectos relevantes acerca da cosmologia e da organização social Pankararu, utilizando elementos como a casa, a memória, o asseio e o sofrimento para a produção de novas territorialidades e a construção da identidade, do "ser Pankararu".

Já *Os rituais Pankararu: memória e resistência* (2017), tese de doutorado em Ciências Sociais de Valmir dos Santos Batalha, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, apresenta um estudo etnográfico em torno dos principais rituais e tradições do povo Pankararu, como a Corrida do Imbu, o Menino do Rancho, a Mesa de Cura, a Noite dos Passos, entre outros (BATALHA, 2017). A pesquisa apresenta o alto valor descritivo, interpretativo, cultural, social, religioso e político direcionado à compreensão da complexa relação entre ancestralidade, a força encantada e as novas gerações. Historicamente, o autor pontua a relação dos Pankararu com outros povos indígenas do Nordeste e suas lutas para manter vivas suas tradições, mesmo com a perda da língua materna; apresenta igualmente a aldeia mãe, em Brejo dos Padres, localizada no município de Jatobá/PE, na Região do Submédio São Francisco.

O autor também destaca o poder de cura de ritos Pankararu, que aos poucos absorveram valores urbanos e simbologias da Igreja Católica representando marcas da colonialidade (BATALHA, 2017). A tese detalha os impactos da obra de construção do lago de Itaparica para a usina hidrelétrica Luiz Gonzaga, empreendimento da Companhia Hidroelétrica do São Francisco – CHESF, tanto para o povo Pankararu quanto para os/as ribeirinhos/as, que viram suas realidades e sonhos serem radicalmente modificados com acordos não cumpridos. Destacam-se a manutenção das tradições e dos rituais na preservação da memória coletiva e da identidade do povo Pankararu (BATALHA, 2017).

Seguindo com a descrição de nosso estado da arte, nos deparamos com a tese de doutorado *Regime Imagético Pankararu – performance e arte indígena na cidade de São Paulo,* de Marcos Albuquerque, defendida em 2011 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Amparando-se na perspectiva antropológica, o autor aborda o fenômeno da interculturalidade, analisando as performances dos Praiás realizadas pelos Pankararu residentes na cidade de São Paulo, enfrentando os estigmas que cotidianamente interpelam essa população (ALBUQUERQUE, 2011).

Os preconceitos em torno de "autenticidade", "assimilação", "aculturamento" e "desaldeamento" são demonstrados à luz da etnografia, indicando as realidades da presença indígena Pankararu na cidade de São Paulo. O autor conclui que é pela memória que se tece a linha tênue entre ancestralidade e futuras gerações. Tênue por causa das constantes gerações colonialistas que insistem em rompê-la pela violência, catequese e monocultura (ALBUQUERQUE, 2011). É a partir da memória que se faz viva a "força encantada" que norteia suas histórias, vivências e existências. Com esse trabalho tomamos ciência de que o povo Pankararu, assim como a maioria dos povos originários do Nordeste, perdeu o contato com sua língua original, tamanhos foram os ataques colonialistas. Contudo, mantêm firmes suas tradições e expressões culturais, graças ao teor aglutinador de sua memória coletiva (ALBUQUERQUE, 2011).

A partir daqui esta descrição do estado da arte apresenta artigos sobre a educação indígena, observando o currículo, o projeto político pedagógico, assim como a formação de educadores/as Pankararu, levando em conta desafios, conflitos e conquistas.

O artigo *O currículo na educação escolar indígena em Pernambuco: uma análise do projeto político pedagógico das escolas do povo Pankararu*, de Isabelle Sedícias Nascimento Ferreira, tem como objetivo discutir o papel do currículo na educação escolar indígena em Pernambuco, analisando o Projeto Político-Pedagógico da educação Pankararu (FERREIRA, 2022). Foi publicado na *Muiraquitã – Revista de Letras e Humanidades*, em 2022. Observando que os saberes-fazeres tradicionais foram subordinados ao órgão estadual responsável pela educação escolar indígena no processo de construção do currículo intercultural indígena em Pernambuco, a autora mostra o quanto o povo Pankararu continua resistindo às tentativas do órgão do Estado de não reconhecer suas particularidades. Em

contrapartida, promovem experiências interculturais e diferenciadas, apropriando-se do Projeto Político-Pedagógico de modo a adequá-lo às suas especificidades e demandas.

Como principal conclusão de seu trabalho, a autora demonstra que o PPP e os demais instrumentos que organizam a educação escolar formal são ferramentas emprestadas – leia-se *impostas* – às escolas indígenas advindas "[...] de um formato de educação escolar pautado na uniformização de práticas e na homogeneização de processos de aprendizagem (RODRIGUES, 2012, p. 74). Portanto, precisam ser apropriadas, reelaboradas e ressignificadas pelos povos indígenas, considerando as especificidades da Educação Escolar Indígena – EEI e dos próprios povos. Nesse sentido, embora esbarrando em questões burocráticas, o povo Pankararu apropria-se do PPP das suas escolas, adaptando-o às suas especificidades e demandas, ao orientar, por exemplo, a inserção dos conhecimentos tradicionais na sala de aula, bem como ao incentivar a presença de anciãos e anciãs na escola para o fortalecimento e a valorização desses conhecimentos.

Escrita conjunta de Edilma Cavalcante Santos Menezes e Clécia Simone Gonçalves Rosa Pacheco, o artigo *A arte de educar as crianças do Povo Entre Serras Pankararu: uma discussão no ensino e aprendizagem* foi publicado na revista *Opará – Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação*, em 2013. Trata da relevância de educar as crianças indígenas Pankararu no Território Indígena Entre Serras, localizado em Tacaratu, Sertão do Submédio São Francisco em Pernambuco, objetivando conhecer o modo de ensinar e aprender das crianças, observando a valorização das pessoas que contribuem para os processos educativos, de modo a compreender que os conhecimentos tradicionais do povo são relevantes para a preservação de sua história (MENEZES & PACHECO, 2013). A pesquisa se desenvolveu a partir de abordagem qualitativa e de caráter exploratório, com o apoio da pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica. O levantamento de dados se deu a partir da observação participante.

As considerações finais compreendem que o povo Entre Serras Pankararu, mesmo tendo que lidar com desafios e conflitos, já obteve algumas conquistas quanto a reconhecimento e valorização de sua etnia e tem avançado nos aspectos educacionais, de saúde pública e reconhecimento identitário, enquanto atores/atrizes portadores/as de direitos que há muito tempo foram negados e necessitam ser conquistados, resgatados e reafirmados (MENEZES & PACHECO, 2013).

Outro artigo importante, de autoria do pesquisador Pankararu Emerson Francisco de Assis, intitulado *Pankararus: encantamento, transfiguração* étnica *e desafios para o século XXI*, foi publicado na coletânea *Quem* é *o Povo?*, organizada por Maria de Fátima Barbosa de Mesquita em 2021. O autor apresenta características de seu povo, como origens, elementos sociais, culturais e sagrados, além de abordar os conflitos locais com posseiros e o processo de transfiguração étnica enfrentado desde o período colonial. Ele traz igualmente reflexões sobre os principais desafios enfrentados pelos Pankararu no século XXI (ASSIS, 2021). Sua metodologia tem referencial teórico das áreas de Antropologia e

Sociologia, com dados etnográficos gerais, informações retiradas de sites com fontes confiáveis e relato do próprio autor.

Nas conclusões do artigo abordam-se estigmas que acompanham o povo Pankararu, como o fato de serem vistos/as como "aculturados/as", o apagamento de seu idioma original e a situação dos/das "desaldeados/as". São reflexões acerca do paradoxo da autenticidade e do preconceito fenótipo, colocando como principal mensagem a reflexão sobre como a sociedade brasileira precisa mudar sua imagem sobre o "ser indígena" (ASSIS, 2021). Nesse sentido, as aldeias não podem ser consideradas colonialmente como "museus" ou "zoológicos humanos", posto que a cultura não é estática, passando por modificações étnicas com o passar dos tempos. Contudo, tais modificações não devem vir de fora dos territórios, tampouco promovidas por políticas estatais, mas de dentro, com indígenas sendo agentes e atores/atrizes principais dessas transformações (ASSIS, 2021).

O único trabalho analisado que não trata diretamente da realidade de Pankararu é o de Alexandre Ferraz Herbetta, *Escassez, Abundância e Devir: considerações sobre etnologia indígena no Sertão de Pernambuco"*, publicado em 2018 no Dossiê: Etnologia Indígena no Sertão Nordestino, da revista *Equatorial*. Consideramos que tem importância pois apresenta análises no campo da etnologia indígena do sertão nordestino (HERBETTA, 2018). O artigo problematiza temas como alteridade, colonialidade do saber e uma suposta homogeneidade cultural entre indígenas e não-indígenas, destacando a supervalorização de conceitos e categorias antropológicas como identidade étnica, por exemplo, que produz um conhecimento enviesado e reduzido sobre populações humanas complexas. O autor busca romper a concepção "exótica" sobre esse povos originários vistos como "riqueza folclórica", para que se afirmem como povos de direito, compreendendo que seus saberes-fazeres são importantes também para toda a sociedade. Ele sublinha que essas características colonialistas reforçam a deslegitimação dos povos originários e eximem o Estado de suas responsabilidades, liberando os territórios para a predação e o extermínio capitalistas. É proposta na conclusão uma antropologia indígena do sertão (HERBETTA, 2018).

Considerações acerca dos trabalhos analisados no estado da arte

A lacuna encontrada neste estado da arte é a quantidade ínfima de estudos relativos a produções, movimentos educativo-formativos e culturais atuais no território Pankararu, a exemplo das mostras de música, cinema, audiovisual e artes plásticas, em níveis nacional e internacional.

Em se tratando das alusões a esse fenômeno, identificamos a dissertação de mestrado *Sons, Torés e Toantes da Corrida do Imbu: Afirmação e Reafirmação do Ser Indígena Pankararu*, (2020), defendida no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia. De autoria de Anderson Cleomar dos Santos, indígena Pankararu, anuncia

brevemente a importância dos trabalhos da Aió Conexões enquanto exemplo de "artivismo indígena", porém com pouco aprofundamento nos fenômenos de interesse da nossa proposta de pesquisa.

Nessa perspectiva, encontramos a tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE *No Bem Querer encantado: as/os contadoras/es de histórias do povo indígena Pankararu em Diálogo intercultural com a Agroecologia, a saúde e o desenvolvimento étnico- territorial indocentrado*. Defendida em 2023 por Bianca Coelho Moura, descreve os trabalhos da produtora Aió Conexões e da Mostra Pankararu de Música como formas de contar histórias, fortalecer território e identidades, além de difundir a cultura do povo (MOURA, 2023).

Temos em mente que todo esse movimento complexo e interativo mantém viva a tradição e reforça os saberes-fazeres originários, fortalecendo os territórios e as pessoas, assim como garante a representatividade, a cosmopercepção e os modos de existir e resistir dos povos indígenas no mundo contemporâneo.

Considerações para não finalizar, mas reabrir caminhos

Podemos afirmar que todos os trabalhos descritos neste breve estado da arte, apesar das distintas perspectivas teórico-metodológicas, trazem um panorama interdisciplinar e transcultural, dialogando com autores/as indígenas e não-indígenas sobre história, memória, processos educativos-formativos e culturais do povo Pankararu. Trata-se de descrições qualitativas densas, dialógicas, interpretativas e ricas em detalhes, quase sempre ancoradas nos princípios metodológicos da etnografia e dos fenômenos elencados pela etnologia indígena.

Todas as produções encontradas sobre *Povo Pankararu*, *Educação Indígena* e *Memória Coletiva* (palavras-chave do nosso estado da arte) buscaram descrever e interpretar saberes-fazeres, cotidiano, ritos, símbolos, contatos com o sagrado, artes, produções culturais e demais fenômenos inerentes aos processos identitários pautados na tradição, nas contações de histórias e nos rituais. Os estudos trazem estratégias metodológicas interessantes, assim como uma considerável revisão bibliográfica, em diálogo com achados etnográficos, depoimentos e vivências de investigação/observação *in loco*.

Tomamos ciência de uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, sobre as atuais produções culturais no território indígena em questão, algo fundamental para os estudos na área de Educação, que nos permitirá compreender de forma mais aprofundada os fenômenos culturais específicos desse grupo étnico, incluindo as condições de sua produção, transmissão e vivência pelas pessoas de dentro e de fora do território. Essa pesquisa pode contribuir para a manutenção da tradição local, posto que será possível

identificarmos estratégias contracoloniais diante da preservação da vida, da cultura e dos saberes-fazeres ancestrais, garantindo a permanência e a valorização das pessoas e do território indígena.

Outro aspecto interessante é o possível impacto positivo da pesquisa no fortalecimento territorial do povo Pankararu, justamente por buscar compreender o uso racional dos bens naturais do território, o contato com a natureza, com o sagrado e com os ancestrais, além das várias possibilidades de inserção das produções e dos/das produtores/as nos cenários artístico-culturais nacionais e internacionais. Ao envolver ativamente produtores e produtoras culturais da comunidade indígena na pesquisa, é possível reforçar seu empoderamento, permitindo que expressem suas perspectivas, narrativas e conhecimentos. Isso contribui para uma abordagem mais inclusiva, holística e participativa na construção do conhecimento dialógico e referenciado por pensadores/as indígenas.

Por fim, nossa pesquisa para este estado da arte também visa fortalecer a identidade étnica Pankararu, ao reconhecer e valorizar positivamente suas produções culturais como movimento contra-hegemônico fundamental no combate aos estereótipos, promovendo autoestima e fortalecendo os laços comunitários.

Recebido em: 04/12/2025; Aprovado em: 18/06/2026.

Referências

AFONSO JÚNIOR, José. Instantâneos da fotografia contemporânea. Curitiba: Appris, 2021.

ALBUQUERQUE, Marcos Alexandre dos Santos. O regime imagético Pankararu: tradução intercultural na cidade de São Paulo. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

ASSIS, Emerson Francisco. PANKARARUS: Encantamento, Transfiguração Étnica e Desafios no Século XXI. https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Pankararu. Acessado em 17/08/2026

BATALHA, Valmir dos Santos. *Os rituais Pankararu*: memória e resistência. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2017.

BRANDÃO, Victor José de Lima da Silva. Educação decolonial dos povos indígenas no Brasil: a importância de uma educação diferenciada, intercultural e multilíngue. 2021. Dissertação (Mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2021.

FERREIRA, Isabelle Sedícias Nascimento. O currículo na educação escolar indígena em Pernambuco: uma análise do projeto político-pedagógico das escolas do povo Pankararu. Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades, [S. l.], v. 10, n. 2, 2022.

HERBETTA, Alexandre Ferraz. Escassez, abundância e devir: uma questão para refletir sobre a etnologia indígena no sertão nordestino. Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, [S.

l.], v. 5, n. 9, p. 118–154, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/14992. Acesso em: 17 ago. 2026..

LOVO, Arianne Rayis. "Lá, sendo o lugar deles, também é o meu lugar": pessoa, memória e mobilidade entre os Pankararu. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

MENEZES, Edilma Cavalcante Santos & PACHECO, Clécia Simone Gonçalves Rosa. A arte de educar as crianças do povo Entre Serras Pankararu: uma discussão no ensino e aprendizagem. Opará: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação, Paulo Afonso, v. 2, p. 80-95, jun./dez. 2013.

MOURA, Bianca Coelho. *No bem querer encantado*: as/os contadoras/es de histórias do povo indígena Pankararu em diálogo intercultural com a agroecologia, a saúde e o desenvolvimento étnico-territorial indiocentrado. Recife: Ed. da UFPE, 2023.

RODRIGUES, Warna Vieira. A escola como espaço de valorização e afirmação da identidade étnica Pankararu. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

SANTOS, Andeson Cleomar dos. Sons, torés e toantes da Corrida do Imbu: afirmação e reafirmação do ser indígena Pankararu. 2020. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília, DF: INCTI/UnB, 2015.

SOUZA JUNIOR, Mauricio. Os Pankararu e a luta pela escola: conflitos na construção da educação escolar Pankararu. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.